



;

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**GABRIEL BEZERRA DE SOUSA**

**UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DO JOVEM CEILANDENSE  
NO JORNALISMO LOCAL**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO**

**Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Jornalismo**

**UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DO JOVEM CEILANDENSE  
NO JORNALISMO LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

**Banca Examinadora**

**Professora Doutora Elen Cristina Geraldês (orientadora)**

**Professora Doutora Fernanda Vasques Ferreira  
(membro titular)**

**Professora Mestra Milena dos Santos Marra  
(membro titular)**

**Professor Eliel de Aquino  
(suplente)**

**Brasília, 2023**

Pois já é tão claro que é mais fácil dizer  
Que eles são os certos e o culpado é você  
Se existe ou não a culpa, ninguém se preocupa  
Pois todo caso haverá sempre uma desculpa  
O abuso é demais, pra eles tanto faz  
Não passará de simples fotos nos jornais  
Pois gente negra e carente  
Não muito influente, e pouco frequente nas colunas sociais  
**(Racistas Otários, Racionais MC's, 1993)**

## SALVES

Estar onde estou e finalizar essa trajetória tão importante e árdua de graduação em uma das universidades públicas mais conceituadas do país é fruto de muito esforço, suor e lágrimas dos meus pais.

Deixo aqui um salve para Nailma e Francisco, que durante toda a minha infância e adolescência correram do “rapa” vendendo lanches em um carrinho improvisado nas ruas de Ceilândia. Nunca me deixaram faltar nada. Ficavam na rua de manhã, tarde e noite para garantir o dinheiro para comprar o meu material escolar de cada ano.

Mãe e pai, pela falta de acesso à educação, vocês não podem ler o que eu escrevi, mas saibam que o que está aqui é fruto de todo o esforço que vocês fizeram por mim. Com muito orgulho, me torno o primeiro da nossa família a ter um diploma de ensino superior. Mas, quem me deu toda a sabedoria que tenho foram vocês. Sobreviver nas ruas é mais difícil do que aprender qualquer conceito acadêmico, e esses ensinamentos vieram dos seus conselhos.

Um salve especial também para Marília, minha companheira que conheci nos primeiros dias de Universidade de Brasília. Dividimos momentos difíceis, crescemos e vencemos juntos as dificuldades que são impostas àqueles que são da periferia e entram em lugares que não são para pessoas como nós. Agradeço pelos conselhos, pelo apoio e pela companhia.

Era o meu primeiro semestre, a covid-19 tinha feito a universidade adotar o sistema remoto, e eu não tinha um computador para acompanhar as aulas. Você me deu um, e por isso consegui chegar até o final.

Um salve também para os professores que tive ao longo desses anos em graduação. Em especial, para a minha orientadora Elen Geraldine, que em aulas de segunda a noite me mostrou que a Faculdade de Comunicação da UnB também pode ser um espaço de valorização das diversidades e da importância da comunicação como forma de mitigar as desigualdades sociais e os preconceitos que estão presentes na nossa sociedade.

Um salve para meus amigos das quebradas de Ceilândia, que dividiram comigo pipas, bolas de futebol e conversas de calçada que foram essenciais para formar quem eu sou hoje. Um salve também para os amigos que conheci na UnB, que foram parceiros fundamentais em cada momento dessa passagem. Venceremos todos, e esse foi só o nosso primeiro desafio.

Por fim, mando um salve para a minha Ceilândia, que me formou e me construiu. Cumprirei a promessa que fiz ao entrar aqui na universidade. Sairei daqui e irei buscar formas de transformar a minha periferia, com a representação no jornalismo que ela merece.

## RESUMO

O tema deste trabalho é a relação dos jovens de Ceilândia com a cobertura jornalística realizada sobre a cidade. Tem por objetivo geral analisar como jovens de uma escola pública da região administrativa se sentem representados pela imprensa brasiliense. Utiliza como método de pesquisa os estudos de recepção por meio de duas técnicas: entrevista e de roda de conversa, além da análise de conteúdos das reportagens sobre a região administrativa dos jornais Correio Braziliense, Metrôpoles e Jornal de Brasília. As principais conclusões encontradas foram que os jovens identificam no material jornalístico uma estigmatização e uma perpetuação da Ceilândia como uma região violenta e de baixo índice educacional. Defende-se que a comunicação popular, alternativa e comunitária pode contribuir para superar esses estereótipos e mostrar as regiões periféricas de forma mais aprofundada e complexa.

Palavras-chave: representação midiática, cobertura jornalística, imprensa brasiliense, juventude periférica, Ceilândia.

## SUMÁRIO

1.	Introdução.....	7
2.	Justificativa.....	10
3.	Objetivos gerais e específicos.....	11
4.	Referencial teórico-metodológico.....	13
5.	Percurso metodológico.....	25
6.	Reportagens analisadas.....	27
7.	Desenvolvimento.....	30
8.	Síntese dos resultados.....	37
9.	Considerações finais.....	39
10.	Bibliografia.....	42
11.	Apêndice I: Roteiros das entrevistas semiestruturadas.....	46
12.	Apêndice II: Íntegra das reportagens analisadas.....	48

## INTRODUÇÃO

Antes de discorrer sobre o meu tema de pesquisa, acho necessário apresentar, primeiramente, um pouco da minha vida antes de estar aqui, no término da minha graduação em jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

A minha paixão pela profissão em que serei diplomado em breve nasceu através da minha afeição pela leitura de jornais locais impressos (foi desta forma que eu aprendi a ler aos três anos), e pelo contato que tive com repórteres televisivos que, raramente, iam gravar passagens de reportagens próximos da minha casa, na Ceilândia Norte.

Naquela época, o meu encantamento infantil não me fazia refletir sobre o conteúdo jornalístico que eu estava consumindo. Aprendi cedo os jargões policiais (meliante, entorpecente, menor de idade, subtração), e pouco me aproximei de outros conteúdos sobre cultura, economia e política, pelos quais me interessei somente após ingressar em movimentos estudantis de Brasília.

Quando eu era pequeno, estes temas não atraíam a minha atenção, basicamente porque os personagens e os cenários das suas reportagens não eram próximos da minha realidade. Eu era só mais uma criança preta, filho de ambulantes analfabetos, estudante de escola pública e que nasceu e morou por toda a sua vida em uma cidade criada há meio século para abrigar “invasores” que, na visão da elite social e econômica brasiliense, estavam contaminando a capital federal:

A Campanha de Erradicação de Invasões é exemplo de uma iniciativa oficial de "desfavelamento" do Plano Piloto, criada em 1971, a CEI-lândia [Ceilândia], na suposta intenção de absorver invasões. Prometida como um espaço digno de habitabilidade (...) somente seis anos depois de criada é que Ceilândia oferece água encanada aos seus moradores e, a partir de 1983, a rede de esgotos começa a ser instalada. (RESENDE, M.L.S. Ceilândia em Movimento, 1985.)

Após a construção da Ceilândia, os jornais locais chamavam a recente cidade de “barril de pólvora”. O jornalista Edson Beú (2013, p.70), explica que o apelido era uma referência ao seu desenho urbanístico e aos crescentes casos de violência, motivados pela ausência do Estado, que eram excessivamente veiculados na imprensa local, estigmatizando a nascente cidade.

Eu não comecei a ser um grande consumidor do jornalismo policial porque gostava das suas reportagens, que, em seu cerne, buscavam espetacularizar a tragédia e violência motivadas pelas desigualdades sociais. Eu me atraía por esse conteúdo porque ele era o único

em que a Ceilândia era retratada como cenário das pautas. Era encantador ver o lugar onde eu vivia sendo lembrado por aqueles papéis e por aquelas pessoas bem vestidas segurando um microfone.

Às vezes, algumas matérias buscavam abordar temas e personagens culturais da cidade, porém, bem distante da regularidade das pautas culturais que discorriam sobre os movimentos artísticos feitos nas regiões centrais do Distrito Federal.

Atualmente, eu analiso que este contato que tive com as matérias policiais durante a minha infância influenciou a concepção que construí sobre o local onde vivo. Sempre considerei a Ceilândia uma região extremamente violenta, até que, por conta do meu ingresso na Universidade de Brasília, a partir de 2020, comecei a frequentar regularmente o Plano Piloto e vivenciei experiências que fizeram com que eu mudasse os meus pensamentos sobre a midiaticização da violência.

Ver que no centro de Brasília também havia problemas de segurança pública, foi essencial para que eu pudesse abandonar os estereótipos que, de certa forma, foram implantados por pessoas que sequer residiam na minha comunidade.

Por ter essas reflexões sobre os fatores que fizeram com que eu me aproximasse do jornalismo, decidi que o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consistisse no contato com outros jovens de Ceilândia, com o objetivo de entender como eles observam a representação do seu espaço de convivência nos veículos jornalísticos.

Para exemplificar como a mídia brasileira contribui para a estigmatização de um perfil de personagem ligado à violência urbana, Sérgio Adorno (1995, p.181) apresenta uma situação da imprensa paulista, que veiculava opiniões vindas de cidadãos comuns que identificaram os criminosos locais como negros, pobres e procedentes das regiões Nordeste ou do Norte. Ao se extrair dados de pesquisas sobre o tema, foi visto que brancos e negros contribuíam igualmente para a criminalidade e que 60% dos detentos do sistema penitenciário de São Paulo era composto por pessoas do próprio estado.

Moroni & Filha (2008, p.9-14) na pesquisa "Estereótipos no telejornalismo brasileiro: identificação e reforço" utilizaram três metodologias para observar se o telejornalismo brasileiro auxilia no reforço de ideias estereotipadas. Para isso, as comunicólogas identificaram reportagens em que um coletivo social foi representado significativamente, realizaram um estudo de recepção e analisaram o conteúdo que era veiculado pelos telejornais de maior audiência.



Dos 17 entrevistados, residentes no estado do Paraná, quatro relacionam as palavras “pobres” e “favelas”. Uma relacionou o estado do Rio de Janeiro como referência sobre o assunto, enquanto outros três apontaram que o problema estava presente em todo o Brasil. Ao analisar os conteúdos dos telejornais, as pesquisadoras destacaram a estereotipação visual de uma reportagem que tratava da falta de oportunidades de trabalho onde, ao longo de toda a sua transmissão, apresentava imagens de casas amontoadas como uma típica favela.

Para analisar estes impactos nos jovens de Ceilândia, é necessário ver quais são as observações dos receptores dos conteúdos jornalísticos. Isto é buscar compreender como os consumidores são atingidos pela grande mídia que chega até o seu espaço, pois como adiantou o semiólogo Jesús Martín Barbero (1995, ed. 1, p.39): “A recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação”.

Defensor de uma maior atenção aos receptores nas análises do campo da comunicação, Barbero alerta que a verdadeira proposta do processo comunicativo não está na sua mensagem, e sim nos modos de interação que o meio transmite ao receptor. Por isso, para haver democratização da comunicação também é necessário que os comunicadores tenham um maior conhecimento das demandas culturais de um determinado povo (1995, ed.1, p.54).

Conforme explica a doutora em comunicação Nilda Jacks (1995, ed.1, p.153), estudar a recepção dos conteúdos midiáticos visa compreender a complexidade do real em que está imerso o sujeito com quem se comunica, para assim encontrar os elementos simbólicos que realizam o contato do indivíduo com o seu campo social.

Em seus jornais impressos e em seus portais digitais, os veículos de comunicação locais postam notícias que abordam situações de violência na região administrativa de Ceilândia e retratam a população local em charges satíricas. Como os jovens que habitam a cidade avaliam esses conteúdos jornalísticos que retratam a localidade onde vivem? Como o discurso empregado pelos jornais pode contribuir para a formação de estereótipos em um espaço periférico?

O presente trabalho de conclusão de curso está dividido em uma justificativa, objetivos geral e específicos, referencial teórico-metodológico, apresentação das reportagens analisadas, desenvolvimento de uma pesquisa de recepção feita com jovens estudantes de Ceilândia, a síntese dos resultados e as considerações finais do contato obtido com os entrevistados.

## JUSTIFICATIVA

A presente monografia se justifica pela necessidade de expor as opiniões da juventude ceilandense sobre sua representatividade na mídia jornalística local, incluindo uma análise dos três maiores jornais locais: i) *Correio Braziliense*; ii) *Metrópoles*; iii) *Jornal de Brasília*, buscando ir além da sua posição como receptor dos conteúdos midiáticos, abrindo uma oportunidade de reflexão sobre a sua existência no cenário das reportagens locais.

Ao analisar o acervo de estudos acadêmicos já publicados nas universidades brasileiras, verifica-se uma carência de estudos que abordem a participação do receptor como participante fundamental da comunicação social. A escassez é mais notável quando o interlocutor reside nas periferias, que pouco são lembradas pelos comunicólogos em suas pesquisas.

É necessário que este público tenha uma maior atenção por parte dos estudantes de jornalismo, já que os contextos de vulnerabilidades sociais em que jovens periféricos estão inseridos são amplamente repercutidos pela mídia através de reportagens policiais que endossam o senso comum de “terra-sem-lei” nas comunidades do Distrito Federal.

Através do contato com as observações e expectativas dos receptores, os profissionais de imprensa podem ter uma maior aproximação com o seu público e um entendimento de quais são as suas necessidades. Tendo em vista que uma das funções do jornalista é a de formar a opinião pública, o ponto de vista do interlocutor sobre o jornalismo é imprescindível para o cumprimento do direito à informação, resguardado pela Constituição Federal de 1988.

Desta forma, é importante estabelecer um ponto de reflexão sobre como os jovens periféricos de Ceilândia julgam a sua representação nos veículos de comunicação analisados, a partir da observação dos receptores sobre o discurso propagado pela imprensa brasiliense.

## **OBJETIVO GERAL**

O presente trabalho tem como objetivo compreender como os jovens que estudam em uma escola pública da região administrativa de Ceilândia se sentem representados pela imprensa brasiliense, por meio dos jornais *Correio Braziliense*, *Metrópoles* e *Jornal de Brasília* em reportagens que retratam a violência e em uma charge que satiriza a população da região administrativa.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Apresentar e discutir os conceitos de democracia digital, representatividade e identidade cultural.
- Investigar, por meio de uma pesquisa de recepção, de que forma os jovens ceilandenses acreditam serem representados pela construção do discurso midiático empreendido nos veículos estudados.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

### **1.1 A CRIAÇÃO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE CEILÂNDIA**

A região administrativa de Ceilândia surgiu no início da década de 1970, quando o nascente Governo do Distrito Federal (GDF) criou um projeto de “limpeza urbana” das regiões centrais de Brasília, onde estavam alocados pessoas de baixa renda que viviam em barracos que eram desprovidos de infraestruturas básicas.

Foi criado pelo governo local a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), que foi responsável por demarcar lotes que seriam entregues a população que residia nas moradias irregulares. A região escolhida era distante 30 quilômetros do Plano Piloto. A pedra fundamental de Ceilândia foi lançada no dia 27 de março de 1971.

Até o ano de 1989, Ceilândia fazia parte da região administrativa de Taguatinga, até que, em 1989, o ex-governador Joaquim Roriz decidiu dar uma autonomia para a região. Outra mudança política importante ocorreu em 2019, quando o Sol Nascente/Pôr do Sol, que é a maior favela da América Latina, foi desmembrada de Ceilândia pelo governador Ibaneis Rocha.

Mais de cinco décadas após a criação da Ceilândia, a região administrativa é a mais populosa do Distrito Federal, com 350.347 moradores segundo a Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílios (PDAD) de 2021. Em 2020, uma lei do GDF declarou a cidade como a Capital da Cultura Nordestina no DF.

Enquanto que o morador do Plano Piloto tem uma renda média estimada em R\$ 8.444, o habitante da Ceilândia tem um rendimento mensal de R\$ 2.048, ou seja, quatro vezes menor segundo a PDAD de 2021.

A pesquisa também atestou que 76,1% dos moradores da cidade utilizavam o acesso à internet para consumir notícias jornalísticas. Em comparação, 93,1% dos moradores do Plano Piloto de Brasília afirmaram que utilizavam os meios virtuais para esse fim.

*Foto 1: Zona central da região administrativa de Ceilândia*



*Foto: Acácio Pinheiro/ Câmara Legislativa do Distrito Federal*

## 1.2 A IMPRENSA COMO PROPAGADORA DO DISCURSO DA ELITE BRASILEIRA

Para analisarmos a atuação da imprensa local através das entrevistas em profundidade com jovens de Ceilândia, onde discutiremos o seu sentimento de representatividade no que é publicado na imprensa, inicialmente precisamos delimitar quem detém o poder de produzir os discursos que são veiculados.

Segundo o linguista neerlandês Teun Van Dijk (2008), as elites iniciam, controlam e monitoram as formas mais influentes do texto e das falas institucionais e públicas. O autor, que é um dos principais expoentes dos estudos da análise crítica do discurso, discorre que este grupo possui um acesso preferencial à mídia, podendo estabelecer ou mudar a programação do discurso público e a formação de opinião. Estes privilégios estão distantes dos representantes das classes inferiores, que não possuem a capacidade de alterar a *agenda-setting*<sup>1</sup> dos veículos de comunicação.

Van Dijk (2019, p.5) também pontua que o discurso da elite e a comunicação social estão envolvidos na validação persuasiva e na defesa da dominação, em especial em “assuntos étnicos que estejam estrategicamente voltados para a manutenção de seu próprio poder” (aspas do autor).

Ao levantar provocações sobre o discurso da mídia, o linguista discorre que os jornalistas têm a ilusão de estarem fornecendo uma visão imparcial dos assuntos étnicos e raciais. Um dos motivos está na própria composição das redações, que não empregam profissionais pertencentes a grupos minoritários, principalmente nos mais altos escalões de editoração e gerenciamento, que para Van Dijk implica que:

As notícias ou programas de televisão são predominantemente brancos em sua perspectiva geral, também em conteúdo e estilo. Por razões semelhantes, vários fatores influenciarão os jornalistas brancos a atribuir maior importância ou credibilidade a fontes brancas, tais como órgãos governamentais, polícia, ou “especialistas em minorias”. (VAN DIJK, 2019, p.7)

A consequência desta composição étnica, racial e social nas redações jornalísticas se torna determinante para que as minorias tenham um menor acesso à mídia, um menor controle da definição da sua própria situação social e até mesmo uma influência diminuta em suas

---

<sup>1</sup> Teoria idealizada pelos comunicólogos Maxwell McCombs e Donald Shaw que parte do pressuposto que os meios de comunicação são capazes de determinar as pautas públicas a partir dos conteúdos que veiculam (MCCOMBS; SHAW, 1972).

próprias questões. Van Dijk (2019, p.7) aponta que “as minorias são sistematicamente menos citadas em noticiários, até em notícias diretamente relacionadas a elas ou, ainda, suas opiniões são **balanceadas** pelas dos repórteres brancos” (destaque do autor).

Esse discurso da imprensa corrobora para uma **estigmatização** de um determinado grupo social, gerando a propagação de **estereótipos** que se utilizam de formas preconceituosas para simplificar o cotidiano daqueles que residem nas periferias do Distrito Federal. Segundo o antropólogo Erving Goffmann (2008), a estigmatização seria um processo social por meio do qual certas características ou identidades são marcadas como “diferentes” e desvalorizadas pela sociedade. As pessoas que possuem determinadas representações estigmatizadas são “rotuladas e desvalorizadas”, resultando em “consequências psicológicas significativas”.

Na obra “The Nature of Prejudice”, o psicólogo social Gordon Allport apresenta a natureza dos estereótipos, descrevendo-os como “generalizações simplificadas e exageradas sobre um grupo de pessoas”. De acordo com o pesquisador, os estereótipos podem ser influenciados por fatores sociais, culturais e psicológicos, sendo transmitidos e internalizados pelos indivíduos. Conforme Allport (1954), uma antipatia baseada em uma generalização falha e inflexível e pode ser sentida ou expressada. Isto pode ser dirigido a um grupo como um todo ou a um indivíduo por ser membro deste esse grupo.

Trazendo o debate para uma situação brasileira, pode-se citar a tese de doutorado de André Ricardo Nunes Martins, em que se analisa o discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros em 2004, cujas conclusões finais destacam que a imprensa (representada pelos jornais *Folha de S.Paulo*, *Jornal do Brasil* e *A Tarde*) resumiram o debate público aos limites jurídicos da mudança nos vestibulares e da perspectiva dos direitos individuais da chamada “meritocracia”. Martins finaliza que “se a política de cotas dependesse apenas dos responsáveis pelos jornais, a mesma não seria adotada (sic)”:

O debate sobre as cotas também impõe uma inadiável reflexão quanto à atuação da instituição imprensa no Brasil. A quem serve? A quem deveria servir? De que modo torná-la um instrumento de fortalecimento da democracia, ajudando a construir um Brasil mais diversificado e propiciando uma representação mais equânime de suas várias etnias? (MARTINS, 2004, p.173)

O professor de comunicação Rodrigo de Carvalho (2007) destaca em seu artigo “Althusser e a questão da atualidade da hegemonia” que, nas orientações jornalísticas dos



grandes veículos de imprensa do Brasil, está presente uma tese de “imprensa não-ideológica”, utilizada como base de sustentação para fontes, editoriais, colunistas e articulistas. Analisando o posicionamento de grandes jornais como *O Globo* e a *Folha de S.Paulo* em coberturas políticas e sociais importantes para as conquistas de direitos civis, o professor conclui que os grandes jornais, pertencentes aos grupos econômicos aliados que compõem a classe dominante, funcionam como aparelhos ideológicos de Estado, instrumentos fundamentais para o exercício do poder.

Ao considerar essas análises do discurso da elite brasileira que é propagada a partir dos grandes veículos de imprensa e o poder que estes detêm de “pautar” a agenda pública, influenciando os assuntos que são discutidos entre os cidadãos, é importante analisar como os grupos minoritários, que não possuem o privilégio de gerenciar a *agenda-setting*, analisam a sua participação no processo comunicativo da imprensa local do Distrito Federal.

### **1.3 DEMOCRACIA DIGITAL E A IDENTIDADE CULTURAL DOS MORADORES DA CEILÂNDIA**

De acordo com a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude, os jovens brasileiros possuem o direito do “acesso à comunicação e à livre expressão, à produção de conteúdo, individual e colaborativo, e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação”. Segundo o regulamento, o Estado brasileiro deve prover a inclusão dos jovens, por meio do acesso às “novas tecnologias de informação e comunicação” e também incentivar “a criação de equipamentos públicos voltados para a promoção do direito do jovem à comunicação”.

A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2021, elaborada pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF) atestou que 80,7% dos habitantes de Ceilândia haviam acessado a internet nos três meses anteriores à pesquisa, e que 76,1% haviam utilizado o seu acesso para encontrar informações e notícias. Em contrapartida, o resultado do estudo com toda a população do Distrito Federal atestou que 85,7% utilizaram a conexão virtual naquele período, e que 80,8% a utilizaram para fins jornalísticos.

A PDAD de 2021 não separa estes resultados por faixas etárias, porém, é possível observar através destes resultados gerais que a população residente em Ceilândia possui um menor índice de acesso à internet e consumo do jornalismo em meios digitais do que a média do Distrito Federal.

Trazendo para este debate o termo **democracia digital**<sup>2</sup>, amplamente repercutido em debates sobre a importância da expansão das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) para alcançar uma democratização da informação, podemos analisar que a população ceilandense está distante de alcançar os potenciais de fortalecimento das sociedades cívicas que seria proporcionado pela expansão da e-comunicação, como por exemplo, divulgações mais amplas das demandas das suas comunidades.

Na visão do teórico da comunicação Wilson Gomes, os meios digitais podem ser relevantes em iniciativas que busquem o propósito de:

Promover o pluralismo, isto é, iniciativas que têm suas ações voltadas para aumentar ou assegurar a diversidade de vozes e opiniões, dando espaço para minorias políticas de modo a aumentar a capacidade concorrencial da cidadania, seus atores e agendas. Iniciativas que aumentem o poder relativo do cidadão face às instâncias que com ele concorrem na determinação da decisão política no Estado e na sociedade, em outras palavras, que gerem *empowerment civil*. (GOMES, 2011)

Com a falta de participação dos jovens periféricos de Ceilândia na produção da mídia jornalística, a diversidade de vozes e opiniões ainda não é uma realidade no contexto da mídia local do Distrito Federal que, em seus conteúdos, não abrangem a representatividade cultural deste grupo. De fato, as notícias das periferias não vêm de seus próprios moradores.

A professora de comunicação da Universidade de Brasília Delcia Vidal (2021, p.207-208) explica que, apesar do inciso XIV do artigo 5º da Constituição Federal de 1988 discorrer sobre a liberdade de acesso à informação, garantindo a todos os brasileiros o direito de veicular as informações que julguem necessárias para o conhecimento público, o Brasil não dispõe de dispositivos que garantam “ao cidadão comum e aos movimentos sociais os meios para o exercício para este direito”. Destaca a comunicóloga:

A lei maior concede, mas não existe no Brasil legislação que garanta a todos o acesso aos meios de comunicação de massa para que possam transmitir pensamentos e opiniões. Essa prerrogativa, chamada de direito de antena, existe em alguns países, como por exemplo, Espanha e Portugal. Neste último, desde a Constituição portuguesa de 1976. (VIDAL, 2021, p.209).

Ao longo deste trabalho, irei utilizar o termo **identidade cultural** como conceito norteador das questões acerca da representatividade midiática dos jovens periféricos de

---

<sup>2</sup> Segundo (ALMADA et al.,2019, p.163) a democracia digital ou e-democracia é uma expressão empregada por aqueles que defendem o “emprego de tecnologias digitais de comunicação com o objetivo de corrigir, incrementar ou incorporar novos procedimentos ao processo político, no sentido de melhor atender a um ou mais princípios da democracia”

Ceilândia. Segundo Manuel Castells (2001, p.22), “entende-se como identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. Outro cientista social que aborda o tema é Pêrsio Santos de Oliveira (2001, p.39), que o define como “uma forma de sentimento de pertencimento”.

Outra palavra chave para as discussões subsequentes é a de **representatividade** na mídia tradicional, que foi discutida com os jovens de Ceilândia que foram entrevistados neste trabalho. Segundo Moraes e Escobar (2018, p.52), a representação é palavra central para que se possa entender “como se constroem as diferentes identidades e os tratamentos desiguais atribuídos a determinados grupos, bem como as relações de poder que se estabelecem a partir dos diferentes interesses econômicos, sociais, políticos, culturais e afetivos” no discurso do jornalismo brasileiro.

O termo **representação social**, que é aprofundado em estudos da área de psicologia social, é um fenômeno que possui várias definições. Em sua obra “As representações sociais”, Denise Jodelet a representa como “(...) uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.22). Já Wolfgang Wagner (1998), em “Sociogênese e características das representações sociais” apresenta o tema como uma junção simultânea de um “... conteúdo mental estruturado - isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico, que toma a forma de imagens ou metáforas que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social” (p.3). Outra perspectiva de grande importância é a de Clemence, Doise & Lorenzi-Cioldi (1992), que destacam a importância da representatividade para o surgimento de transformações em um determinado grupo social, formando “... princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (p.246).

Quais veículos e projetos sociais exercem essa função de representação da juventude residente de Ceilândia? Na região administrativa, o coletivo do Jovem de Expressão tem uma grande importância para o fortalecimento da identidade cultural e a representatividade dos jovens da comunidade, sendo fundamental para a criação de um sentimento de pertencimento na cidade, contrapondo os estereótipos e estigmatizações fundamentadas pelo discurso hegemônico da imprensa local.

A cidade também conta com um veículo de comunicação alternativo, popular e comunitário (CPAC) chamado *Diário de Ceilândia*, criado pelo morador local Douglas

Protázio em 2010 para noticiar os fatos ocorridos na cidade pela ótica de seus residentes que, até aquele momento, não contavam com um portal de notícias feito por integrantes da comunidade.

Outro veículo alternativo que conta com uma grande veiculação entre os moradores da cidade é o *Ceilândia Muita Treta*. O veículo conta com uma página no *Instagram* e no *Twitter* e busca deixar os leitores da cidade atualizados sobre as principais notícias da cidade através do humor e de uma linguagem mais próxima da população local.

#### **1.4 O DIREITO À PERIFERIA E O HIP-HOP NA FUNÇÃO DE INFORMAR**

O filósofo marxista francês Henri Lefebvre (2001), em sua obra “*Direito à cidade*” defende que as sociedades urbanas devem ter o direito assegurado de participar das decisões que digam respeito a elas.

O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBVRE, 2001, p.134).

A partir das considerações feitas por Lefebvre, o sociólogo Leonardo de Oliveira Fontes argumenta, no seu artigo “Do direito à cidade ao direito à periferia: transformações na luta pela cidadania nas margens da cidade”, que a cidadania no Brasil fora estruturada para negar “o direito de ter direitos” de uma parcela expressiva da população que vive nas periferias urbanas, separada dos centros das grandes cidades.

Fontes analisa que este tratamento alimenta a invisibilidade destas classes ante à opinião pública que, por sua vez, é alimentada pelo conteúdo veiculado pela imprensa:

A essas violações sobrepõem-se diversas outras, como a permanente desigualdade social, a precariedade dos serviços públicos ou a desconsideração da opinião daqueles que habitam as margens da cidade, tida muitas vezes como politicamente menos relevante por políticos ou pela “opinião pública” de forma mais ampla. (FONTES, 2018, p.70).

A violência que está presente no contexto das periferias urbanas brasileiras tem como origem a constante violação dos direitos civis dos moradores dessas comunidades, seja pelo

“mundo do crime”, assim chamado pelo sociólogo, quanto por meio do próprio Estado, por meio das forças policiais.

Em contraposição dessas violações, os jovens periféricos começaram a reivindicar melhorias para o espaço onde vivem. O fenômeno é explicado por Fontes (2018) como o **direito à periferia**, que se caracteriza pelo fortalecimento de movimentos culturais que buscam fortalecer o “ser periférico” como parte de fortalecimento político. Sobre essa forma de expressão, Macedo (2014, p.9) diz que a periferia passou, de forma progressiva, de um símbolo de estigmatização a um elemento identitário, formando-se como um “espaço social e geográfico que gera um denominador comum para jovens negros, mestiços, nordestinos e brancos: a classe pobre”.

Fontes apresenta o hip-hop e a “literatura marginal” como um instrumento essencial para o nascimento da reivindicação do **direito à periferia**. Graças a essas manifestações artísticas, o jovem periférico consolidou um sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem, além de fortalecer vínculos com os coletivos que reivindicam melhorias sociais nas periferias urbanas.

É com base nessa cultura pública, portanto, partilhada por um número crescente de jovens periféricos, que eles passam a tomar partido, definir seus lugares nas lutas políticas e adotar determinadas formas e expressões que buscam não mais apenas acessar os direitos ligados à cidade, mas também reivindicar a construção de uma “cidade” própria, a partir da valorização de um modo de vida próprio das periferias. (FONTES, 2018, p.83)

Na música “Voz ativa”, de autoria do grupo de rap Racionais MC’s e lançada em 1993, há uma explicação do fenômeno de fortalecimento da união entre jovens negros e periféricos e o seu contraponto ao conteúdo tradicional veiculada pela mídia. Diz a letra do single:

Chega de festejar a desvantagem  
E permitir que desgastem a nossa imagem  
Descendente negro atual, meu nome é Brown  
Não sou complexado e tal, apenas racional  
É a verdade mais pura, postura definitiva  
A juventude negra, agora tem voz ativa  
[...]  
Mais da metade do país é negra e se esquece  
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece  
Tanta gente na mão de tão pouco

Geração iludida, uma massa falida  
De informações distorcidas  
Subtraídas da televisão.  
(RACIONAIS MC'S, 1993)

Um estudo feito pelos pesquisadores Miriam Abramovay, Julio Waiselfisz, Carla Coelho de Andrade e Maria das Graças Rua para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicado em 1999, traz uma perspectiva da atuação do rap na juventude do Distrito Federal no fortalecimento de laços e na reivindicação da cidadania para as periferias da capital federal.

Após uma entrevista com seis grupos de rappers das periferias urbanas do Distrito Federal, foi atestado que os coletivos eram formados, em grande parte, por jovens que pertenciam a gangues e que, ao abandonar essa realidade de transgressão à lei, decidiram focar em lembrar as gerações futuras do importante papel “das suas responsabilidades”. Sobre o papel social destes artistas, os pesquisadores explicam:

Eles falam em nome de uma geração sem voz, periférica, estigmatizada, denunciando de maneira crua a realidade em que vivem, seus problemas locais, e expressam a sua revolta contra a ordem estabelecida e um destino de contínua exclusão, que parece pré-determinado. (ABRAMOVAY et. al, 1999, p.135).

## **1.5 O CONCEITO DE TERRITÓRIO E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A RESISTÊNCIA NAS PERIFERIAS**

O geógrafo Milton Santos (1999) estabelece o conceito de território como um espaço social delimitado, construído e desconstruído por relações de poder entre atores que territorializam as suas ações em um determinado local.

Em um texto publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, Santos resumiu o seu conceito afirmando que o território seria formado por um “conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política” (SANTOS, 1999, p.5).

O geógrafo pontua também que é no território onde um povo troca experiências e constrói a sua herança cultural. Graças a esse fortalecimento de laços entre os habitantes, o território pode se tornar um instrumento de poder, controle e resistência por parte de seus moradores, a partir de reflexões conjuntas sobre as desigualdades sociais, políticas e econômicas a que estão submetidos.

A geógrafa Denise Xavier (2005) afirma que o território urbano é um lugar onde se constrói alternativas para as comunidades periféricas. Segundo ela, “é possível desenvolver a comunicação entre os pobres, já que reúne pessoas de origens, níveis de instrução e ocupações distintas”.

Desta forma, reivindicar o direito ao território não significa apenas buscar a possibilidade de ocupar espaços físicos. Trata-se também de requerer a participação na transformação desses espaços.

## **1.6 A PESQUISA DE RECEPÇÃO E A ANÁLISE DE IDENTIDADE**

No artigo “Estudos de recepção: estado da questão e os desafios pela frente”, as comunicólogas Daniela Schmitz, Lourdes Silva, Mônica Pieniz e Valquíria John (2015) explicam que as pesquisas de recepção possuem a capacidade de analisar os discursos sociais que emanam da mídia e dos seus receptores, a partir de enfoques teórico-metodológicos.

Tendo um contexto social em um recorte feito pelo pesquisador, as falas extraídas nas coletas de dados “dão materialidade às representações dos sujeitos a respeito de suas relações com os meios e seus conteúdos”.

Jacks et. al (2008) e Jensen (1990), explicam que este método de analisar a abordagem sociodiscursiva deve ser utilizado como uma ferramenta analítica, mas, ao mesmo tempo, as teorias de recepção devem estar articuladas com os instrumentos conceituais das estruturas dos conceitos sociais para “situar meios e audiências; uma teoria do discurso, para dar conta do conteúdo dos meios relacionando com o discurso do receptor sobre ele; e uma teoria das disposições socioculturais e sociopsicológicas e para entender a relação dos receptores com os meios”.

Schmitz et.al (2018) explicam que as pesquisas de recepção que possuem como tema a juventude e as relações raciais começaram a surgir nos repositórios nos anos 1990, com questões e problemáticas mais afeitas às questões identitárias nacionais que poderiam estar relacionadas com a “preocupação com o processo de globalização”, tema discutido massivamente na época.

Nos anos 2000, a análise de recepção de conteúdos de jornais e revistas teve um crescimento de destaque, com um maior enfoque na produção de sentido sobre pesquisas e notícias, e também no estudo de identidades, tema que será analisado no presente trabalho.

Jacks et.al (2011) discutem que um desafio para esse formato de pesquisa de recepção é o amadurecimento teórico-metodológico, imprescindível para o “campo de recepção como um todo”. Um dos indicadores desse obstáculo está na pequena presença de autores brasileiros na discussão sobre o método, apesar do crescimento significativo atestado nos anos 2000.

Em contrapartida, a década registrou avanços com a sólida contextualização dos objetos de pesquisa como o “aprofundamento da discussão sobre as identidades, abordagem multimetodológica e exploração de cenários empíricos pouco ou nada conhecidos”. Schmitz et. al (2018, p.124) argumentam que estes aspectos tornaram possível a “afirmação de que o campo da recepção avançou no entendimento das identidades, sedimentando as bases para as pesquisas futuras”.

Por se tratar de uma metodologia que busca analisar as perspectivas empíricas de um determinado indivíduo ou de um grupo de pessoas, é necessário que as novas pesquisas foquem em uma análise sucinta de um cenário diverso e complexo que forma um espaço social.

Orozco Gomes (2011) destaca que as generalizações precisam ser evitadas, ao mesmo tempo que os pesquisadores devem enfrentar a complexidade do “campo em reconfiguração” através de métodos teóricos densos. Na maioria dos estudos de recepção, entretanto, tal processo é entendido como práticas complexas de construção do sentido, que transcendem o contato com os meios e confundem-se com a vida cotidiana. O receptor é visto como sujeito ativo no processo de comunicação, que, apesar de pressionado pelas estratégias dos produtores, é capaz de negociar a comunicação segundo valores, ideias, atitudes e traços culturais.



## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para a construção desta pesquisa de recepção, foram realizadas no dia 9 de outubro de 2023, uma rodada de entrevistas semiestruturadas e uma roda de conversas com seis jovens de 16 e 17 anos, todos estudantes do Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia, uma escola pública localizada no bairro da Ceilândia Norte.

O Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia foi utilizada para ser o local da coleta de dados deste trabalho por ser uma instituição de ensino pública de Ceilândia com altos índices de aprovação para a Universidade de Brasília por meio do Programa de Avaliação Seriada (PAS) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Para preservar as identidades dos entrevistados, todos eles adotaram nomes fictícios, que serão utilizados ao longo deste trabalho.

Quatro dos jovens também moram em Ceilândia, enquanto outros dois residem no município goiano de Águas Lindas de Goiás, distante 25 quilômetros de Ceilândia, e cujo fluxo de moradores para a região é intenso.

Segundo a Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios (PMAD) de 2018, 11,4% dos estudantes residentes em Águas Lindas estudam em Brasília, sendo que destes, 3% estão matriculados em escolas de Ceilândia.

Na primeira etapa das entrevistas, os jovens responderam questões sobre as suas histórias de vida e as suas relações com as suas instâncias socializadoras (família, escola, igreja, mídias sociais e relações de trabalho).

Na segunda etapa, os entrevistados responderam questões sobre as suas perspectivas de futuro e as suas relações com o seu espaço social de residência.

A utilização deste método busca identificar como os jovens percebem a sua participação na sociedade local. Segundo Leitão (2021), as entrevistas podem ser definidas como instrumentos adequados à investigação em profundidade de “fenômenos não capturáveis pela observação direta e à externalização de processos e estados internos pela via da linguagem”.

Na terceira etapa do percurso metodológico, foi feita uma roda de conversa com os quatro jovens, onde foi feita uma leitura conjunta de uma matéria do portal *Correio Braziliense*, uma matéria do portal *Metrópoles* e uma charge do *Jornal de Brasília*.

De acordo com Mélo et al. (2007), as rodas de conversa possibilitam que as pessoas possam apresentar suas elaborações, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento

do outro participante do processo. Ao mesmo tempo em que as pessoas apresentam as suas histórias, elas buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual, segundo os autores, possibilita uma “significação dos acontecimentos”.

Após a coleta dos dados, as entrevistas e a roda de conversa foram transcritas e as análises dos quatro jovens foram utilizadas para a realização das considerações finais deste trabalho.

### 3. REPORTAGENS ANALISADAS

As reportagens analisadas neste trabalho foram selecionadas a partir de uma pesquisa dos termos “Ceilândia” e “violência” feita nos repositórios digitais dos veículos *Correio Braziliense* e *Metrópoles*. Já a charge do *Jornal de Brasília* foi incluída a partir de uma pesquisa dos termos “charge” e “Ceilândia” na plataforma de pesquisas do Google.

#### *Correio Braziliense*

A matéria do portal *Correio Braziliense* que será analisada neste trabalho tem como título “Cidade mais populosa do DF, Ceilândia sofre com violência e insegurança”, sendo de autoria do jornalista Ricardo Faria e publicada no portal digital do veículo no dia 9 de dezembro de 2017.

A matéria trata sobre relatos de moradores sobre a insegurança das ruas de Ceilândia e também entrevistas com especialistas com dados da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF).

No título, o jornalista mostra que a criminalidade faz Ceilândia “sofrer” com a “violência e insegurança”. Antônio Flávio Testa, especialista em segurança pública ouvido pelo jornalista do veículo, chega a dizer que “a população é refém e está enjaulada” por conta dos delitos. Diz Testa:

A ausência e a omissão do Estado, o uso indiscriminado do solo e as ocupações irregulares no entorno de Ceilândia agravam mais a situação da segurança pública da cidade. Com isso, o tráfico e a criminalidade tomam conta. A PMDF é uma das instituições que mais prendem no país, mas a criminalidade não para de crescer, de usar droga. Outro ponto bastante importante é que esses bandidos têm a fuga facilitada pelo abandono do Entorno do Distrito Federal. A região tem várias áreas de escoamento, o que dificulta o trabalho das autoridades. O problema só se agrava. Outro ponto importante nesse contexto é a impunidade. A população é refém, está enjaulada. Não existe polícia suficiente para prender num dia e, no outro, a Justiça soltar. A impunidade, talvez, seja o grande ponto de discussão (CORREIO BRAZILIENSE 9/12/17)

Em outras partes da reportagem, enquanto o jornalista conta relatos de moradores da cidade que se tornaram reféns de criminosos, é dito que “a cidade acumula histórias de

latrocínio, tentativas de homicídio e estupros” e que “para andar pela cidade, é preciso atenção redobrada”.

### ***Metrópoles***

A reportagem do portal *Metrópoles* a ser analisada foi postada no dia primeiro de fevereiro de 2016 e tem como título “Ceilândia tem quadras setorizadas para a venda de drogas”, sendo de autoria do jornalista Carlos Carone.

O jornalista diz em sua reportagem que o tráfico de drogas divide Ceilândia em “quadras setorizadas” que são dominadas por organizações criminosas. Havia na região administrativa, segundo a reportagem, o “corredor do pó”, o “bonde da maconha” e a “estrada dos tijolos amarelos”, em referência ao comércio de *crack*.

A reportagem também diz que “dia e noite, clientes [usuários em busca de drogas] perambulam por becos e vielas da cidade para saciar o vício”. Outro ponto analisado pela reportagem fala sobre o que seria a “farda” dos traficantes no P Norte, um dos bairros mais populosos de Ceilândia. Diz a reportagem de Carone:

“A “farda” é informal: boné, chinelo de dedo, bermuda e camiseta. Os pequenos revendedores passam o dia e a noite alimentando o mercado das pedras amarelas no P Norte” (METRÓPOLES, 01/02/2016).

Utilizar boné, chinelo, bermuda e camiseta é comum entre os brasileiros, que utilizam esses itens como roupas casuais. Porém, como pode ser evidenciado neste trecho da reportagem do *Metrópoles*, o espaço social onde as vestimentas são utilizadas podem diferenciar uma pessoa comum com um “pequeno revendedor” de entorpecentes.

### ***Jornal de Brasília***

O material analisado do *Jornal de Brasília* é uma charge (*ver imagem em Apêndice II*), publicada no dia 4 de julho de 2020 no material impresso do veículo. A charge é um gênero textual que busca, através da ironia e da sátira, expressar um sentimento e opinião sobre um determinado acontecimento.

Segundo QUADROS et. al (2010, p.57), o discurso chargístico busca muito mais do que a reprodução da imagem de um personagem que se tornou frequente nos noticiários jornalísticos,

sendo uma forma de reproduzir as principais concepções sociais, pontos de vista e ideologias em circulação.

A charge do *Jornal de Brasília* retrata dois moradores de Ceilândia que comentam sobre um *lockdown*, uma medida restritiva utilizada durante a pandemia do coronavírus que obrigava o confinamento total da população em suas residências, que ocorreu entre os dias 2 e 10 de julho de 2020.

Na época, a Ceilândia alertava o Governo do Distrito Federal (GDF) por conta dos números de transmissão da doença. Naquela época, a região administrativa concentrava 22% dos 587 óbitos registrados no DF, além de 15% dos infectados (G1, 01/07/2020).

No diálogo entre os dois moradores representados na charge, é sugerido que ambos não sabiam o que significava a medida restritiva. Um deles, que utiliza um boné e óculos escuros, pergunta: “Véi, você viu que vai ter *lockdown* aqui em Ceilândia?”. O outro responde: “Parece nome de farmácia”. O personagem de boné complementa: “Acho que é tipo aquela loja do “véio da Havan [referência ao empresário Luciano Hang, ligado ao ex-presidente Jair Bolsonaro]. “Dirrocha”, responde o outro morador.

Assim como na descrição do vestuário presente na reportagem do portal *Metrópoles*, os dois personagens desenhados na charge utilizam bonés e camisetas, além de cordões e óculos escuros.

A veiculação da charge teve uma repercussão negativa, o que obrigou o veículo a publicar, no dia seguinte à circulação dos jornais impressos, um pedido de desculpas aos moradores de Ceilândia.

Segundo o *Jornal de Brasília*, “embora não tivesse a intenção, a charge foi interpretada como agressiva e desrespeitosa por muitos leitores da cidade”.

“Entendemos que, ao abordar a pandemia que, sem dúvida, é um fato relevante do Distrito Federal neste momento, a charge foi infeliz no tom. Definitivamente, a piada não funcionou. Não atingiu seu objetivo.” (JORNAL DE BRASÍLIA 05/06/2020)

## **4. DESENVOLVIMENTO**

### **4.1 DESCRIÇÃO DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES**

Foram selecionados pela coordenadora pedagógica do Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia seis estudantes, sendo quatro moradores de Ceilândia e dois moradores do município goiano de Águas Lindas de Goiás. Todos os estudantes estavam matriculados no segundo ano do ensino médio, no turno matutino.

O contato no Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia foi possibilitado a partir da ajuda do diretor da instituição, professor Eliel de Aquino. O planejamento inicial estabelecia a participação de seis estudantes negros e moradores de Ceilândia, porém, a dinâmica utilizada foi modificada durante o primeiro contato com a diretoria da instituição de ensino. Com a mudança, a roda de conversa contou com alunos de diferentes etnias e locais de residência.

Essa mudança se mostrou positiva ao possibilitar que jovens de diferentes realidades pudessem expressar a sua opinião sobre a representatividade midiática da região administrativa onde vivem ou estudam, enriquecendo as considerações finais deste trabalho.

#### **Estudante 1:**

Bianca, 17 anos, estudante do segundo ano do ensino médio. Mora em Águas Lindas e estuda em Ceilândia desde 2021. Se identifica como uma pessoa negra, atea e pertencente a uma classe média baixa. Seus hobbies favoritos são sair com os amigos, ouvir música e assistir a filmes. Utiliza as redes sociais para compartilhar momentos com os seus amigos mais próximos.

É filha de pais separados e relata que possui uma boa relação com os dois. Pensa em terminar a sua formação no ensino médio em Ceilândia. O seu desejo é que, daqui a dez anos, esteja em uma situação financeira estável e formada em medicina e em ciências sociais.

Na sua opinião, a Ceilândia é um lugar alvo de muito preconceito, mas é na realidade “um bom lugar para se estudar”. No seu tempo livre, gosta de ir em um shopping center próximo da escola e também visitar restaurantes da cidade.

Como pontos positivos, ela acredita que o ensino em Ceilândia tem mais oportunidades no setor educacional do que o município goiano onde mora, citando a divulgação do

Programa de Avaliação Seriada (PAS), que é uma ferramenta de ingresso para a Universidade de Brasília, o Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (CILC) e a Escola Parque.

Como pontos negativos, acredita que o governo distrital deveria ter um maior cuidado com pessoas em situações de vulnerabilidade social que estão em situação de rua na região administrativa.

### **Estudante 2:**

Kira, 16 anos, estudante do segundo ano do ensino médio. Mora em Águas Lindas e estuda em Ceilândia desde 2016. Se identifica como uma pessoa branca, evangélica e pertencente a uma classe média baixa. Seus hobbies são sair com os seus amigos e visitar as barraquinhas de comida de Ceilândia no tempo livre. Utiliza as suas redes sociais para registrar momentos com os seus melhores amigos.

Mora com os irmãos e os pais e classifica a sua interação familiar como positiva. Pensa em terminar a sua formação no ensino médio em Ceilândia, mas pontua que o valor do transporte interestadual é um ponto negativo. Daqui a dez anos, pretende se formar em pedagogia e se tornar uma professora cuidadosa, dando aula para crianças do Distrito Federal. Kira também tem o sonho de visitar países hispanofalantes.

Considera a Ceilândia um lugar “perigoso como todo lugar” e relata que gostaria que a região em torno do Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia tivesse um maior policiamento. Gosta de visitar barraquinhas de comida de Ceilândia no tempo livre.

Na sua opinião, pontos positivos da cidade são a variedade de oportunidades educacionais, também mencionando o CILC e a Escola Parque. Segundo ela, outra qualidade é o acolhimento dado pelos habitantes da região administrativa.

### **Estudante 3:**

Fabiana, 17 anos, estudante do segundo ano do ensino médio. Mora no centro de Ceilândia desde 2015. Se identifica como branca, católica, e pertencente à classe média. Seus hobbies são sair com os amigos e com o seu namorado, que também estuda no Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia.

Mora com os pais e classifica como boa a relação com a sua família. Diz que apesar de haver conflitos dentro da sua residência, considera seus pais como compreensivos. Não

pretende sair de Ceilândia, mas diz que daqui a dez anos espera ter saído da casa dos seus pais e ter conhecido outras cidades do Distrito Federal. Sonha em se formar em psicologia e poder ajudar outras pessoas com sua profissão.

No seu tempo livre, gosta de frequentar a Feira de Ceilândia e outros comércios do centro da região administrativa. Classifica a região onde vive como tranquila, mas destaca que a presença de bocas de fumo e assaltos ao redor da sua casa são pontos negativos, influenciados pela falta de luz em alguns postes em sua rua.

Para ela, a localização da sua casa no centro de Ceilândia é um ponto positivo, e recomendaria para amigos uma estadia por lá por ter uma maior facilidade com a oferta de transportes públicos.

#### **Estudante 4:**

Ítalo, 16 anos, estudante do segundo ano do ensino médio. Mora no bairro P Norte, na região administrativa de Ceilândia. Se identifica como pardo, agnóstico e pertencente a uma classe média. Seus principais hobbies são praticar natação e participar de cursos profissionalizantes. Se considera uma pessoa fechada, que gosta de utilizar as suas redes para postar fotos de desenhos artísticos.

É filho de pais separados, e considera a sua relação familiar como “tranquila”, mas afirma que possui um convívio menos confortável com o seu pai. Pretende sair de Ceilândia caso seja aprovado para a Universidade de Brasília, mas pontua que a mudança será por questões de locomoção, tendo em vista que a distância entre a UnB e o P Norte é de 40 quilômetros. Daqui a dez anos, ele deseja ter se formado e estar trabalhando no auxílio de empresas.

Para ele, o seu bairro é uma região tranquila, mas que possui alguns pontos perigosos, onde “é necessário ficar atento com as pessoas”. No seu tempo livre, ele diz que gosta de frequentar um centro poliesportivo do P Norte e também a Biblioteca Regional de Ceilândia, que é administrada pelo GDF.

Na sua opinião, o principal problema da região onde vive é o policiamento, segundo o estudante, “os policiais chegam muito depois das coisas acontecerem”. Outro ponto negativo seria o descuido dos gestores públicos na entrega de benefícios para a população. Ele cita que os livros que consome na biblioteca regional estão rasgados e com páginas arrancadas.



Já o ponto positivo para o estudante é a possibilidade de conhecer pessoas novas, além da proximidade com o campus da UnB de Ceilândia que proporciona, segundo ele, um importante espaço de conhecimento.

#### **Estudante 5:**

Davi, 16 anos, estudante do segundo ano do ensino médio. Mora próximo ao Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia, no bairro Ceilândia Norte. Se identifica como uma pessoa parda, católica e de classe média. Seus principais hobbies são sair com os seus amigos e ir à igreja que, segundo ele, tem uma grande importância no seu cotidiano.

Ele considera que possui uma boa relação com a sua família, e afirma que pouco utiliza as redes sociais. Não pretende sair da região onde mora. Em dez anos, se vê formado e com estabilidade financeira.

Diferentemente dos outros estudantes, ele diz que não recomendaria uma vida na região onde vive, por conta da instabilidade do sistema de energia elétrica durante as chuvas que, segundo ele, é um dos pontos negativos de onde reside.

Outro ponto negativo para Davi é a presença de tráfico de drogas nas ruas ao redor da sua casa. Como ponto positivo, o estudante pontua a facilidade para conhecer novas pessoas.

#### **Estudante 6:**

Alice, 16 anos, estudante do segundo ano do ensino médio. Mora no bairro Incra 9, localizado na zona rural da região administrativa e se identifica como parda, católica e de classe média. Tem como hobbies assistir a filmes em sua casa ou em um shopping center próximo à Ceilândia.

Alice gosta de utilizar as redes sociais para compartilhar registros de momentos com amigos. Ela considera que possui uma boa relação com a sua família, e se vê daqui a dez anos formada em enfermagem, e também deseja construir uma família.

Ela considera o bairro onde vive como um bom lugar para se viver, porém, a distância do centro da região administrativa e a falta de policiamento e infraestrutura são pontos negativos para a estudante.

## 4.2 DISCUSSÃO SOBRE A REPORTAGEM DO CORREIO BRAZILIENSE

Após a leitura conjunta da matéria do *Correio Braziliense*, que durou cerca de 15 minutos, os estudantes afirmaram que a reportagem ainda representa a realidade da violência em Ceilândia, mesmo sete anos depois da publicação do conteúdo jornalístico. Todavia, os jovens relataram que gostariam de ver uma análise mais aprofundada sobre as características da cidade. Segundo eles, a descrição do cenário de violência foi resumida às estatísticas policiais e relatos de vítimas de crimes.

Bianca afirmou que a violência citada pelo *Correio Braziliense* era uma consequência da desigualdade social, e disse que sentiu falta dessa abordagem na reportagem.

Durante a discussão, Davi afirmou que o problema da criminalidade era a falta de policiamento. Em resposta, Bianca disse que essa não era a solução. “Existem questões que são maiores do que a polícia. Por exemplo, acontece alguma coisa aqui na escola e a polícia vai fazer o quê? Bater em aluno?”, disse.

Concordando com Bianca, Kira ressaltou a origem da região administrativa, que foi criada no início da década de 1970 a partir de invasões localizadas próximas ao Plano Piloto. Segundo ela, seria necessário ressaltar que esse passado de Ceilândia seria o motivo de um maior índice de violência em comparação às regiões centrais de Brasília.

Após o término dessa reflexão, Fabiana, Ítalo e Alice avaliaram que conheciam mais sobre fatos negativos que aconteciam na cidade do que temas positivos. Bianca sugeriu que isso aconteceria porque os veículos jornalísticos entregavam aquilo que o público-alvo “gosta de consumir”.

### 4.3 DISCUSSÃO SOBRE A REPORTAGEM DO PORTAL METRÓPOLES

Depois da leitura conjunta da reportagem do portal *Metrópolis*, que durou cerca de 25 minutos, os estudantes consideraram a reportagem como “exagerada” e “determinista”.

Os estudantes discutiram entre si sobre o “traje” definido pela reportagem para os traficantes da cidade. Segundo eles, as roupas citadas se assemelhavam às utilizadas por eles mesmos ou por seus amigos e familiares.

Ítalo disse que não iria mais andar de camiseta ou boné, pois correria o risco de ser confundido com um traficante. “Se eu for em uma padaria assim, posso ser confundido”, disse.

Davi questionou se os jornalistas haviam realmente andado nas ruas de Ceilândia e disse que o portal havia visto traficantes vendendo com os trajes citados e generalizaram todo mundo que reside na região administrativa.

Bianca pontuou que a reportagem apontava um determinismo ao falar que “o ofício já passa de pai para filho”.

Fabiana disse que a reportagem poderia impulsionar o preconceito de que a Ceilândia é alvo, pois o leitor seria impulsionado a pensar “que a Ceilândia só é tráfico”. “A pessoa que lê essa matéria e vem para cá vai pensar ‘meu Deus, eu vou pisar um pé em Ceilândia e já vou voltar com cheiro de maconha”, disse.

Alice lembrou que ouviu outras pessoas falarem que ela não parecia ser de Ceilândia pela forma com que se veste, e ressaltou que reportagens como a analisada perpetuam essa estigmatização dos moradores da cidade.

Perguntados sobre quais trechos alterariam da reportagem do *Metrópolis*, Davi disse que tiraria as referências de partes da cidade como pontos de venda de drogas como “corredor do pó”, “bonde da maconha” e “estrada dos corredores amarelos”.

Já Bianca complementou afirmando que retiraria a citação do “uniforme” utilizado pelos traficantes da cidade.

#### 4.4 DISCUSSÃO SOBRE A CHARGE DO JORNAL DE BRASÍLIA

Após analisarem a charge do *Jornal de Brasília* por cerca de 10 minutos, o grupo de estudantes automaticamente relacionou as vestimentas dos dois personagens, que discutem sobre a decisão do Governo do Distrito Federal de implementar um *lockdown* na região administrativa em 2021, com o trecho da reportagem do portal *Metrópoles* que delimitou quais seriam os trajes utilizados pelos traficantes locais.

Todos os participantes relacionaram a mensagem apresentada pela charge com uma estigmatização sobre a educação dos habitantes de Ceilândia. Fabiana pontuou que o conteúdo indicaria que os moradores seriam ignorantes.

Em concordância, Kira disse que a imagem levava à conclusão de que a população de Ceilândia não consumia notícias sobre o *lockdown* que, durante a pandemia de covid-19, era amplamente divulgado pelos veículos de comunicação.

Ítalo e Davi lembraram que, durante a pandemia, passavam o dia na frente da televisão e, por isso, era impossível não saber o que significaria um *lockdown*. “Não sei quantos países entrando em *lockdown* e a gente não vai saber o significado da palavra?”, indagou Davi.

Davi também questionou com os colegas o motivo de o desenhista não ter colocado os personagens vestidos de roupas finas, como ternos e gravatas. O jovem disse que a intenção do veículo poderia ser a de apresentar jovens como ele na situação apresentada pela charge.

Perguntados sobre alterações que poderiam ser feitas no conteúdo, todos os jovens afirmaram que a charge não deveria ser publicada. Enquanto Ítalo e Davi pontuaram a estigmatização como o principal ponto negativo, Alice, Bianca, Fabiana e Kira afirmaram que o contexto da pandemia de covid-19 era um assunto muito dramático para ser utilizado como forma de sátira.

## 5. SÍNTESE DOS RESULTADOS

Após o fim da roda de conversas, os seis estudantes começaram a discutir entre si os efeitos do discurso utilizado pelos veículos de comunicação nas duas reportagens e na charge.

Segundo eles, esse tipo de jornalismo colabora com a estigmatização e o preconceito contra os habitantes da cidade, induzindo que a região administrativa é corroída pela violência pública e um sistema educacional inferior ao das regiões centrais de Brasília.

Ao longo da discussão, os estudantes destacaram que a forma como Ceilândia foi representada nos conteúdos jornalísticos pode ser considerada uma herança da criação da região administrativa em 1971.

Considerados como ex-favelados pelo governo do recém-criado Distrito Federal, moradores de invasões próximas ao Plano Piloto foram deslocados para a região de Ceilândia pela Companhia de Erradicação de Invasões (CEI).

Para os jovens, mesmo após 52 anos desde a transferência desses grupos para a Ceilândia, os moradores continuam a ser retratados como reféns da violência, que nas matérias jornalísticas analisadas, não foram relacionadas com as desigualdades sociais da região administrativa desde a sua fundação.

Essa análise crítica dos estudantes, que utilizam a história de Ceilândia como um contraponto ao discurso utilizado pelos veículos de comunicação na charge e nas duas reportagens, pode ser explicada pelos métodos pedagógicos utilizados pelo Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia, que inclui em suas atividades curriculares e extracurriculares a memória da população local.

A relação entre a história de Ceilândia e a forma com que a imprensa divulga os registros de violência na cidade precisa ser mais aprofundada em estudos futuros. Desta forma, este trabalho busca incentivar novos pesquisadores em comunicação a buscar, por meio de análises de discurso e resgate de fontes históricas e documentais, a elaboração de pesquisas que possam trazer maiores compreensões sobre este tema.

Perguntados sobre alternativas para a representação de Ceilândia pela imprensa, metade dos estudantes opinaram que os veículos de comunicação tradicionais precisam analisar os efeitos do discurso utilizado pelos conteúdos jornalísticos para a criação de estigmas.

A outra metade dos estudantes observaram que seria melhor que veículos alternativos e comunitários ocupassem um maior espaço no cenário midiático do Distrito Federal, apresentando um contraponto ao discurso utilizado pelas empresas de comunicação. Isso

mostra que os estudantes observam que o direito a comunicar também é uma forma de exercer o direito à periferia.

Outro momento a ser destacado durante a roda de conversa foi quando os jovens concordaram entre si que conhecem mais sobre fatos negativos que ocorrem na cidade do que ocorrências positivas. Ou seja, este público-alvo aponta que existe uma lacuna a ser preenchida pelo jornalismo, que pode não estar sendo ocupada por uma falta de conteúdo publicado ou também por uma menor disseminação de matérias existentes sobre que abordam outros temas como educação e cultura em comparação às reportagens de que tratam sobre violência.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do contato feito com os estudantes do Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia os objetivos deste trabalho puderam ser atendidos. Por meio do contato com os jovens, se tornou notável que as reportagens e a charge apresentadas colaboram com a estigmatização e a perpetuação da imagem de Ceilândia como uma região de violência e de baixos índices educacionais.

A discussão feita entre os estudantes evidencia a necessidade dos jornalistas discutirem sobre os discursos de reportagens que retratam regiões marginalizadas, e como elas podem fortalecer a perpetuação da estigmatização de um grupo social.

Os jovens entrevistados estão na reta final do ensino básico e desejam trazer melhorias para as suas comunidades no futuro e sonham com o ingresso na universidade pública para alcançarem estes sonhos. Porém, nos conteúdos analisados, eles fazem parte de um grupo definido como reféns da violência, imersos na realidade do tráfico de drogas, dependentes de forças públicas de segurança e que não estão atentos sobre os principais acontecimentos gerais do Brasil e do Mundo.

Na matéria do *Correio Braziliense*, a falta de uma abordagem social que explorasse os problemas da desigualdade na região, poderia alimentar a opinião pública de que a solução seria apenas o uso da força policial.

Tanto na reportagem do portal *Metrópoles* quanto na charge do *Jornal de Brasília*, a percepção dos participantes da roda de conversa foi a de que eles ou seus amigos e familiares seriam os traficantes ou as pessoas pouco instruídas definidas nos dois conteúdos com base nas suas roupas.

No caso da reportagem do *Metrópoles*, ela foi descrita em um trecho do texto. Já na charge do *Jornal de Brasília* ela foi apresentada no vestuário utilizado pelos personagens que desconheciam o termo “lockdown”.

É importante destacar que, ao mesmo tempo em que a charge do *Jornal de Brasília* induz que a Ceilândia seria um lugar cujos moradores pouco esclarecidos e que desconhecem os acontecimentos contemporâneos, as duas estudantes que não moram na região administrativa avaliaram que um dos pontos positivos do território é a disponibilidade de uma maior gama de oportunidades educacionais.

Um dos limites do percurso metodológico utilizado foi a incapacidade de se analisar como os profissionais de imprensa que regularmente produzem materiais jornalísticos sobre a Ceilândia analisam a região administrativa.

É de grande importância que esses jornalistas sejam entrevistados em um estudo futuro. A partir dessa análise, poderá ser constatado se a estigmatização sinalizada pelo público ceilandense é a mesma que corrobora para que estes profissionais adotem discursos que representam a região administrativa como um espaço violento e com índices inferiores de escolaridade.

Durante a leitura das reportagens e a análise da charge foi notado que os estudantes possuem uma forte identidade com o seu território. Diferentemente do que é vendido nas reportagens policiais, eles não desejam se mudar ou deixar de frequentar a Ceilândia e recomendam para terceiros uma vida na cidade. Quando planejam sair dali, o motivo para o deslocamento não se dá por conta de índices de violência.

Em suas reflexões, os jovens ressaltaram a importância do conceito de direito à periferia, ressaltando a importância de que comunicadores locais possam produzir conteúdos jornalísticos sobre os acontecimentos locais.

Essa forma de pensamento se relaciona com o direito ao território. Os jovens ceilandenses defendem que o seu grupo social deve ter as mesmas ferramentas de produção de materiais jornalísticos que a elite econômica brasiliense detém.

As comunidades periféricas do Distrito Federal precisam ter o poder para influenciar a forma em que seus espaços e moradores são representados na mídia. O desenvolvimento das suas “quebradas” não será possível sem que haja uma participação ativa dos seus integrantes nas reflexões e denúncias que são veiculados nos espaços comunicativos.

A intenção desta monografia não foi reduzir o trabalho realizado pelos veículos de comunicação nem os seus jornalistas. Os veículos de comunicação produzem uma grande gama de reportagens que têm a Ceilândia como cenário. Porém, é preciso também analisar em um estudo acadêmico mais aprofundado se esses conteúdos aparecem mais nas proximidades de datas comemorativas como o aniversário da região administrativa, celebrado anualmente em 27 de março.

Por isso, é importante que os veículos jornalísticos e os profissionais de imprensa modifiquem a forma de discurso utilizado quando se aborda a violência de Ceilândia, e que também tenham uma maior atenção quando moradores são retratados em ilustrações satíricas.



Para que esse cenário mude, também é necessário que novas medidas sejam tomadas pelos gestores públicos do Distrito Federal. É importante que haja uma política pública que diminua a abordagem violenta em Ceilândia. Dessa forma, a superestrutura que faz com que a população seja estigmatizada por meio das notícias jornalísticas pode ser efetivamente alterada.

Nota-se também a importância da comunicação alternativa em Ceilândia, que comunica os principais acontecimentos da cidade em uma linguagem mais próxima dos moradores. Um exemplo é o portal *Ceilândia Muita Treta* que, em 22 de outubro de 2023, tinha quase 300 mil seguidores no Instagram. Os conteúdos feitos pelo portal, que apresenta notícias dos principais acontecimentos gerais da região, muitas vezes acabam sendo republicados, com crédito, pelos veículos locais.

Ao longo da minha graduação em jornalismo, tive a oportunidade de conhecer mais sobre a comunicação popular, alternativa e comunitária (CPAC), vendo de perto os seus avanços nas comunidades periféricas e os seus obstáculos para sobreviver diante da ausência de suportes financeiros.

Encerro a minha graduação na Universidade de Brasília como um grande defensor das CPAC's, e acredito que ela seja a grande solução para que os jovens que residem nas periferias do Distrito Federal alcancem uma representatividade na comunicação, de forma que eles possam consumir conteúdos produzidos por pessoas do seu próprio espaço urbano.

Desta forma, através desta voz ativa no processo comunicacional, acredito que as periferias estarão mais fortalecidas na busca pelos seus direitos básicos à saúde, segurança, lazer, educação e, acima de tudo, de informação.

## BIBLIOGRAFIA

ABROMOVAY M.; WAISELFISZ, J.; ANDRADE, C; GRAÇAS RUA, M. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** 1ª ed. Brasília: Garamond, 1999.

ADORNO, Sergio. **Violência, ficção e realidade.** In: WILTON, Mauro (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 181-188.

ALLPORT, Gordon W. **The Nature of Prejudice.** Cambridge: Perseus Books, 1954.

ALMADA, M. P., Carreiro, R., Barros, S. R., & Gomes, W. da S. (2019). **Democracia digital no Brasil: obrigação legal, pressão política e viabilidade tecnológica.** MATRIZES,, 161-181. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/158411>>. Acesso em: 4. jun 2023.

BANDEIRA, L; BATISTA, A.S. **Preconceito e discriminação como expressões de violência.** Revista Estudos Feministas. Brasília, 2002.

BEÚ, Edson. **Expresso Brasília: A História Contada Pelos Candangos.** 1ª ed. Brasília: Editora UnB, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 ago. 2013.

CARVALHO, Rodrigo. **Althusser e a questão da atualidade da hegemonia.** Pluricom - Comunicação Integrada. São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.pluricom.com.br/forum/althusser-e-a-questao-da-atualidade-da-hegemonia>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

DAMASCENO, A. **O racismo e suas implicações na imprensa brasileira: aspectos teóricos.** Anais do 7º Seminário Comunicação e Territorialidades: Perspectivas e Desafios, Vitória. v.1 nº7, p.8, 2021.

DE FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira; DE QUEIROZ, Tacinara Nogueira. **A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo.** 2012.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN). **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2021**. Brasília: CODEPLAN, 2021.

DOISE, Willem; CLÉMENCE, Alain; LORENZI-CIOLDI, Fabio. *Représentations sociales analyses de données*. Paris: Presses Univkersitaires de Grenoble, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Majoria prefere investimento em área social a segurança para combater violência, diz Datafolha**. São Paulo, 14 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/maioria-prefere-investimento-em-area-social-a-seguranca-para-combater-violencia-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

FONTES, L. de O. **Do direito à cidade ao direito à periferia: transformações na luta pela cidadania nas margens da cidade**. São Paulo: Plural, p. 63-89, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/153617/150072> Acesso em: 20 mai. 2023.

GOFFMAN, E. **Estigma - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada** - capítulo 1: Estigma e Identidade Social 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Wilson. **Democracia digital: Que democracia?** In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. (Orgs.). *Mídia, representação e democracia*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 241-259.

JACKS, N; MARROQUIN, A; VILLARROEL, M; FERRANTE, N (Org.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito: CIESPAL, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de recepção e cultura regional**. In: WILTON, Mauro (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 151-164.

JENSEN, K.; ROSENGREN, E.. **Five traditions in search of the audience**. *European Journal of Communication*: v.5, 1990.

JODELET, Denise. **Representações Sociais: Contribuição aos Estudos da Representação Social**. Paris: Editora XYZ, 2008.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, Carla. **A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise**. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) *Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa*. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>

MACEDO, Marcio. **Periferia é periferia em qualquer lugar: de categoria espacial/análítica à categoria identitária/êmica no movimento hip-hop paulistano dos anos 1980 a 2000**. In: III Seminário de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). São Paulo, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: WILTON, Mauro (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-66.

MARTINS, André Ricardo Nunes. **A polêmica construída: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

MCCOMBS & SHAW. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/267990>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa**. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MORAES, Ana; ESCOBAR, Giane. **A representação e as representações distorcidas no jornalismo**. In: FILHO, Flavio; SILVA, Thomas. *Cultura e subjetividade: subjetividades e minorias sociais*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018.

MORONI & FILHA. **Estereótipos no telejornalismo brasileiro: identificação e reforço**. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Natal, p.9-14, 2008.

NETO, O.; MOREIRA, M.. **A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 4, p. 57, 1999.

OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2001.

OROZCO GÓMEZ, G. **La condición comunicacional contemporânea. Desafios latino-americanos de la investigación de las interacciones em la sociedade** In: JACKS, N. **Análisis de recepción en América Latina: um recuento histórico com perspectivas al futuro**. Quito: CIESPAL, 2011

RACIONAIS MC'S. **Voz Ativa**. No álbum: Raio-X do Brasil. Cosa Nostra, 1993.

RESENDE, M. L. S. **Ceilândia em Movimento**; 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília.

SANTOS, M. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, M. **Guerra dos lugares**. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais: São Paulo, 8/8/1999.

SCHMITZ, D.; SILVA, L. A. P.; PIENIZ, M.; JOHN, V. **Estudos de recepção: estado da questão e os desafios pela frente**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 38, n. 1, 2015.

SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Boletim epidemiológico nº 983**. Governo do Distrito Federal, Brasília, p.10, 10 de out. de 2023.

VAN DIJK, Teun. **Racismo y discurso en la America Latina**. Tradução de Margarita Polo e Luciana Fleishman. Barcelona: Gedisa, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder**. Discurso e Poder. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Macrostructures: An interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition**. 16<sup>a</sup> ed. New York: Routledge, 2019.

VIDAL, Délcia. **Direito de informar: a participação do cidadão comum**. In: SOUSA JÚNIOR, José. **O Direito achado na rua: introdução crítica ao direito à comunicação e à informação**. FAC Livros, p.205-2014, 2016.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência 2018: mortes matadas por arTmas de fogo no Brasil**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2018.

WAGNER, W. **Sócio-Gênese e características das representações sociais**. In MOREIRA, A. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social. 2. ed. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 03-25.

WILTON, Mauro (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. 1<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

XAVIER, Denise Prates. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop**. Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, 2005.

## APÊNDICE I

### ROTEIROS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

#### ***Módulo I: Apresentação dos entrevistados:***

Iniciar coleta de dados explicando aos entrevistados sobre o processo de entrevista, como os dados serão utilizados na pesquisa, e convidar os seus responsáveis para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### **Perguntas:**

- Qual o seu nome? Pedir para criar um nome fictício.
- Qual a sua idade?
- Em qual período escolar você está matriculado/a?
- Quais são os seus hobbies?
- Como você se vê rico, pobre ou classe média?
- Qual a sua raça?

#### ***Módulo II: Relação dos entrevistados com as suas instâncias socializadoras:***

#### **Perguntas:**

- Como é a sua relação com a sua família?
- Você é adepto de alguma religião? Como é a sua relação com a sua religião?
- Você utiliza alguma rede social? Se sim, quem é você nas redes sociais?

#### ***Módulo III: Relação do entrevistado com o seu futuro:***

#### **Perguntas:**

- Você pretende se mudar do lugar onde vive? Se sim, quais fatores influenciam essa decisão?
- Como você se vê daqui a dez anos? Quais sonhos pretende realizar?

#### ***Módulo IV: Relação do entrevistado com o espaço onde vive:***

#### **Perguntas:**

- Como é o seu bairro para se viver?
- Quais são os espaços que você mais gosta de frequentar no seu tempo livre?

– Você recomendaria uma vida no seu bairro para outra pessoa que não é moradora de lá?

– Quais os principais problemas que você identifica no seu bairro e quais são os aspectos positivos?

***Módulo V: Como o entrevistado avalia os conteúdos jornalísticos feitos pelos veículos Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Metrôpoles***

Apresentar as reportagens dos veículos *Correio Braziliense* e *Metrôpoles* e uma charge do veículo *Jornal de Brasília* para uma leitura conjunta com os jovens.

**Perguntas:**

– O que você acha desta reportagem? Esta matéria te representa como morador da Ceilândia ou do seu bairro? O que você acha desta charge? Esta charge te representa como morador da Ceilândia ou do seu bairro? O que você mudaria nesta matéria? Você acrescentaria ou retiraria algo?

**Módulo VI: Sugestões de pautas dos entrevistados para os veículos abordados na pesquisa**

**Perguntas:**

– Você acha que os jornais poderiam fazer uma reportagem sobre algo relacionado ao seu bairro? Quais são as principais necessidades do seu bairro que deveriam ser temas de reportagens nestes jornais? Quais os temas?

**Módulo VII: Conclusão**

Finalizar a entrevista e agradecer ao entrevistado pela participação. Lembrar sobre o processo de coleta de dados e sobre os objetivos da pesquisa.

**Perguntas:**

– Você teria alguma consideração final sobre a forma em que os jornais locais abordam a Ceilândia e o seu bairro em suas reportagens?

## APÊNDICE II

### **Reportagem do *Correio Braziliense* analisada neste trabalho:**

#### **Cidade mais populosa do DF, Ceilândia sofre com violência e insegurança**

*Moradores relatam rotina de insegurança nas ruas, principalmente em áreas mais carentes*

**Por: Ricardo Faria - Especial ao Correio - postado em 09/10/2017**

“Não tenho vontade de sair na rua. O medo está me vencendo.” Assim, Teo Carvalho, 26 anos, resume a insegurança na maior região administrativa do Distrito Federal. Esfaqueado, agredido e assaltado, o jovem não suporta mais a violência em Ceilândia. Morador da Quadra 18 da Expansão do Setor O, ele diz que o risco está perto de casa. “Fui assaltado há dois meses, com a minha sobrinha, quando saí no portão. Levaram os celulares, fui arrastado pelo chão e ainda nos ameaçaram”, conta.

Além de roubos como o sofrido por Teo, a cidade acumula histórias de latrocínio, tentativas de homicídio e estupros. Todos esses crimes registraram alta na comparação de dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública e da Paz Social de janeiro a julho de 2016 e 2017. O Correio esteve durante dois dias nas ruas de Ceilândia, nos dois batalhões da Polícia Militar e nas quatro delegacias de polícia responsáveis pela segurança local. A cada abordagem da reportagem, um olhar desconfiado, evidenciando o medo da população.

No último dia 24, Teo e o marido, Ed Carvalho, 30, foram esfaqueados em uma parada de ônibus, após uma tentativa de assalto a uma adolescente. “Fomos defender a menina, mas eles (bandidos) se voltaram contra nós”, revela. Debilitado, ele levou duas facadas no peito, e o companheiro, uma nas costas. Dias antes, no Setor Habitacional Sol Nascente - considerada a maior favela da América Latina, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - o cunhado dele sofreu um espancamento após três criminosos tentarem levar a motocicleta.

A violência também levou o ex-cobrador de ônibus Teo a mudar de emprego. Foi agredido por assaltantes no coletivo que cumpria uma linha circular de Ceilândia, mesmo entregando o dinheiro e o celular. “Em três anos, fui assaltado 17 vezes. Em todas, apontaram



uma arma de fogo para a minha cabeça. Não aguentei”, desabafa. Hoje, ele trabalha como caixa em um restaurante do Setor de Indústrias Gráficas (SIG).

Rendido e roubado há menos de um mês, o comerciante Rodrigo Pedrosa, 23, é outra vítima. Sofreu um assalto quando se preparava para fechar a lanchonete, no P Sul. Uma mulher armada o atacou por volta das 19h. “Nós a vimos aqui um pouco antes. No fim do expediente, ela veio e nos assaltou. É uma sensação de revolta”, afirma. Na ação, a criminosa levou celulares e dinheiro.

Em outra loja, a menos de 200m do estabelecimento de Rodrigo, Joana (nome fictício), 55, teve quatro celulares levados por ladrões. O roubo mais recente aconteceu há cerca de um mês. A ação durou 30 minutos. “Além do dinheiro, foram mais de R\$ 5 mil em prejuízo só em aparelhos de celular. A polícia sabe quem é, mas não faz nada”, lamenta. Agora, ela anda com um aparelho que nomeou como o “do ladrão”. Quando vou pegar o ônibus, eu escondo um e deixo esse daqui, caso venham me roubar”, explica.

### **Marcas**

No P Norte, a situação é semelhante. Entre uma abordagem e outra do Correio, percebia-se a observação de pequenos grupos que se reuniam nas esquinas do bairro. Para andar pela cidade, é preciso atenção redobrada. Por 20 minutos, Rose (nome fictício), 57, pensou que morreria. Homens armados se fingiram de clientes no estabelecimento dela para roubar a caminhonete do filho, dias atrás. “Até hoje fecho os olhos e me lembro da arma na minha cabeça”, relata. Segundo ela, o trabalho não foi mais o mesmo. ‘Passei um tempo sem vir. O sentimento é de medo”, enfatiza.

Os criminosos não conseguiram levar o veículo, mas deixaram marcas na vida de Rose. Ela contou à reportagem que, a partir do dia do crime, qualquer pessoa diferente que entra no comércio é motivo de pavor. “Eu fico desconfiada, nervosa. É uma sensação de morte”, descreve.

### **Rocinha brasiliense**

As autoridades responsáveis pela segurança de Ceilândia também cuidam dos setores habitacionais Sol Nascente e Pôr do Sol, área considerada crítica e em espera de regularização. Assaltada três vezes em um mês, Jussara (nome fictício), que mora no primeiro

condomínio, enfrenta problemas com a depressão e o medo. “Estou afastada do trabalho há três anos. Fui roubada e fiquei traumatizada”, relata a cobradora de ônibus. Segundo ela, os bandidos a reconheceram e a ameaçaram de morte. “Só fiz a ocorrência porque o motorista insistiu”, diz.

A população do Sol Nascente teria se aproximado de 100 mil habitantes. A maior parte da cidade não tem saneamento básico, e poucas são as ruas asfaltadas e iluminadas. O crescimento desordenado dificulta o policiamento, fazendo com que a criminalidade avance. “Não temos como enfiar uma viatura lá dentro. O acesso é péssimo”, admite um PM. As forças policiais tentam combater a ação dos bandidos no local, mas esbarra no baixo efetivo. ;Não falta delegacia, falta gente para estar nas ruas;, denuncia um policial civil.

Segundo a Polícia Militar, o problema da reincidência criminal influencia, diretamente, o número de delitos. A corporação usa dados da Secretaria de Segurança Pública e da Paz Social (SSP-DF) para justificar a dificuldade: 37% dos presos em flagrante repetem o crime. No caso de adolescentes, o número salta para 70%.

Questionada acerca do trabalho realizado na cidade, a comunicação da PM explica, em nota, que “a segurança pública abrange a atuação de diversos outros órgãos públicos e não apenas da PMDF. E que, diante disso, tem trabalhado de forma sistemática e ininterrupta em toda a região de Ceilândia”.

Em nota, a SSP-DF reforçou que os índices de criminalidade têm apresentado queda em comparação ao ano passado. A pasta ressaltou ainda a importância de as vítimas sempre registrarem as ocorrências nas delegacias da Polícia Civil.

### **Palavra de especialista - Antônio Flávio Testa, especialista em segurança pública**

#### **“A população está enjaulada”**

“A ausência e a omissão do Estado, o uso indiscriminado do solo e as ocupações irregulares no entorno de Ceilândia agravam mais a situação da segurança pública da cidade. Com isso, o tráfico e a criminalidade tomam conta. A PMDF é uma das instituições que mais prendem no país, mas a criminalidade não para de crescer, de usar droga. Outro ponto bastante importante é que esses bandidos têm a fuga facilitada pelo abandono do Entorno do Distrito Federal. A região tem várias áreas de escoamento, o que dificulta o trabalho das autoridades. O problema só se agrava. Outro ponto importante nesse contexto é a impunidade.

A população é refém, está enjaulada. Não existe polícia suficiente para prender num dia e, no outro, a Justiça soltar. A impunidade, talvez, seja o grande ponto de discussão”

**Três perguntas - Capitão Daniel Borges Santiago, subcomandante do 10; Batalhão da Polícia Militar de Ceilândia**

**No primeiro semestre do ano, houve aumento nos roubos a pedestres em Ceilândia. Há justificativa para esses crimes?**

*Não existe uma explicação precisa. Pode ser uma questão de oportunidade do bandido, descuido, uma série de fatores. Mas, certamente, o uso de drogas é um dos principais motivos de essas pessoas cometerem essa modalidade de crime. Nos últimos tempos, houve uma melhora, mas nós estamos atuando com operações para mudar esse cenário.*

**Qual é a justificativa para a população se sentir insegura?**

*Os números estão aí. Houve queda em quase todos os crimes. Isso é um sentimento individual. E, para mudar, precisa-se de tempo, de reeducação e de políticas públicas que mostrem que é seguro sair de casa. Mas justifica-se por conta da impunidade, que piorou com as audiências de custódia. Às vezes, prendemos um suspeito hoje e, amanhã, ele está nas ruas cometendo mais crimes.*

**Como é o combate à criminalidade?**

*Constatamos que os roubos a pedestres e a ônibus ainda destoavam. Por isso, intensificamos as patrulhas nos horários de saída e de chegada das pessoas. Colocamos viaturas em pontos estratégicos e de maior circulação, fazemos operações surpresas em áreas que consideramos mais críticas, como a entrada do Sol Nascente e a Expansão do Setor O. As rondas foram fortalecidas pela presença dos carros da PM, que ficam expostos em pontos estratégicos.*

## **Matéria do portal *Metrópoles* analisada neste trabalho**

### **Ceilândia tem quadras setorizadas para a venda de drogas**

*A organização dos criminosos na maior cidade do DF fez a venda de entorpecentes ser dividida por tipo de substância: cocaína, crack e maconha*

**Por: Carlos Carone - postado em 01/02/2016**

O tráfico de drogas transformou Ceilândia em um “supermercado de entorpecentes” a céu aberto. Dia e noite, clientes perambulam por becos e vielas para saciar o vício. A venda dos produtos ilegais foi setorizada, e lembra a organização dos grandes estabelecimentos comerciais. A diferença é que, na gôndola das ruas, a oferta é outra: onde se vende cocaína, traficantes e usuários de crack não entram. O mesmo princípio é seguido nas quadras onde ocorre o comércio de maconha e, também, o repasse das pedras amareladas.

Levantamento feito por investigadores da 19ª Delegacia de Polícia (P Norte) mostra que o lado norte da maior cidade do Distrito Federal foi dividido pelos traficantes em setores. A divisão começa pelo famoso “corredor do pó”, passando pelo itinerário do “bonde da maconha” até chegar à “estrada dos tijolos amarelos”.

Todos os pontos estão mapeados pela Polícia Civil, que já prendeu 100 traficantes, em 79 flagrantes, nos últimos 12 meses apenas em Ceilândia Norte. Porém, o tráfico está enraizado na região. O ofício já passa de pai para filho, segundo policiais.

### **O corredor do pó**

A Quadra QNP 19 é conhecida por vender a cocaína mais pura da capital da República, segundo já apontou laudos do Instituto de Criminalística (IC). Cada grama da “massa”, como é chamado o pó pelos traficantes, é vendido por cerca de R\$ 40. Usuários que vivem em áreas nobres do DF se deslocam até Ceilândia para comprar a droga, principalmente nas tardes de quinta e sexta-feira.

*“Nesta quadra só se vende cocaína, muito desejada pelos usuários pelo alto teor de pureza. A venda de qualquer outro tipo de droga no local pode resultar na morte do traficante invasor” - Fernando Fernandes, delegado-chefe da 19ª DP.*

*“Apesar da movimentação nunca parar e ainda ser possível comprar cocaína a qualquer hora do dia, um dos principais chefes do tráfico que atuava na QNP 19 foi preso, em dezembro ano passado. Em seu bolso, a polícia encontrou o extrato bancário do criminoso. Na conta-corrente dele, havia R\$ 280 mil, frutos do mercado criminoso da cocaína. “Esse traficante, conhecido como Thiago Saddam, subiu rápido na escala do tráfico e fez fortuna, mas permanece encarcerado e deve ficar preso até o julgamento”, ressaltou o delegado.*

Para dificultar a identificação da polícia, muitos traficantes de cocaína que escoam o pó na região utilizam garotas de programa, que passam o dia na porta dos bares e são responsáveis pelo trabalho de entregar a droga aos usuários. A negociação leva poucos minutos para ser concretizada. O cliente decide se quer fazer o programa ou apenas comprar um “papel”, como é chamada a embalagem da cocaína. Elas sobem com o usuário até um dos quartos que ficam em sobrados e fazem a transação. A venda é concluída e elas retornam para a entrada dos bares.

### **A estrada dos tijolos amarelos**

O cenário se transforma nas quadras QNP 1 e 3, onde predomina o tráfico de crack. Os carros importados e os altos valores pagos pela cocaína da QNP 19 dão lugar a usuários mal vestidos oferecendo dinheiro mingüado por algumas pedras. Os traficantes flagrados pelo *Metrópoles* em fotografias e vídeos são os chamados “vapores”, terceiro posto na hierarquia do tráfico. Eles são os responsáveis por escoar pelas ruas toda a droga vendida nas bocas de fumo.

A “farda” é informal: boné, chinelo de dedo, bermuda e camiseta. Os pequenos revendedores passam o dia e a noite alimentando o mercado das pedras amarelas no P Norte.

A transação é tão rápida que, mesmo sendo filmada, a passagem da droga das mãos do traficante às do usuário é quase imperceptível. Em uma das imagens (veja vídeo), um homem calvo, encostado na parede, acompanha o tráfico de perto. Ele é o “dono da boca”, mas não encosta na droga. O homem, que aparenta ter cerca de 50 anos, monitora o trabalho dos vapores para evitar prejuízos.

*“É preciso materializar provas, como vídeos, fotos, apreensão de drogas e o testemunho de usuários para manter o traficante preso”, destaca o delegado Fernando Fernandes.*

A reportagem acompanhou, durante algumas horas, a rotina de um dos traficantes que atua nas quadras onde o crack é o líder de mercado. Com andar desorientado, ele mantém, literalmente, um círculo vicioso: a cada cinco pedras vendidas, ele fuma outras três. O traficante-usuário trabalha para manter o vício. Carregando limpadores de pára-brisas debaixo do braço, o homem magro e já debilitado anda sem rumo pelos conjuntos, simulando vender os acessórios.

Com o passar das horas, ele deixa o disfarce de lado e, sentado no meio-fio, acende mais um cachimbo improvisado. Queima mais três pedras e vai embora, cambaleando.

#### O bonde da maconha

Nas quadras QNP 5 e 9, o tráfico de maconha comanda o mercado da droga. Tabletes, tijolos ou pequenas trouxinhas são vendidos para distribuidores e usuários. Em virtude da clientela jovem, boa parte das transações começam no mundo virtual. Páginas de Facebook ou grupos fechados no WhatsApp são usados como ferramenta de contato pelos traficantes.

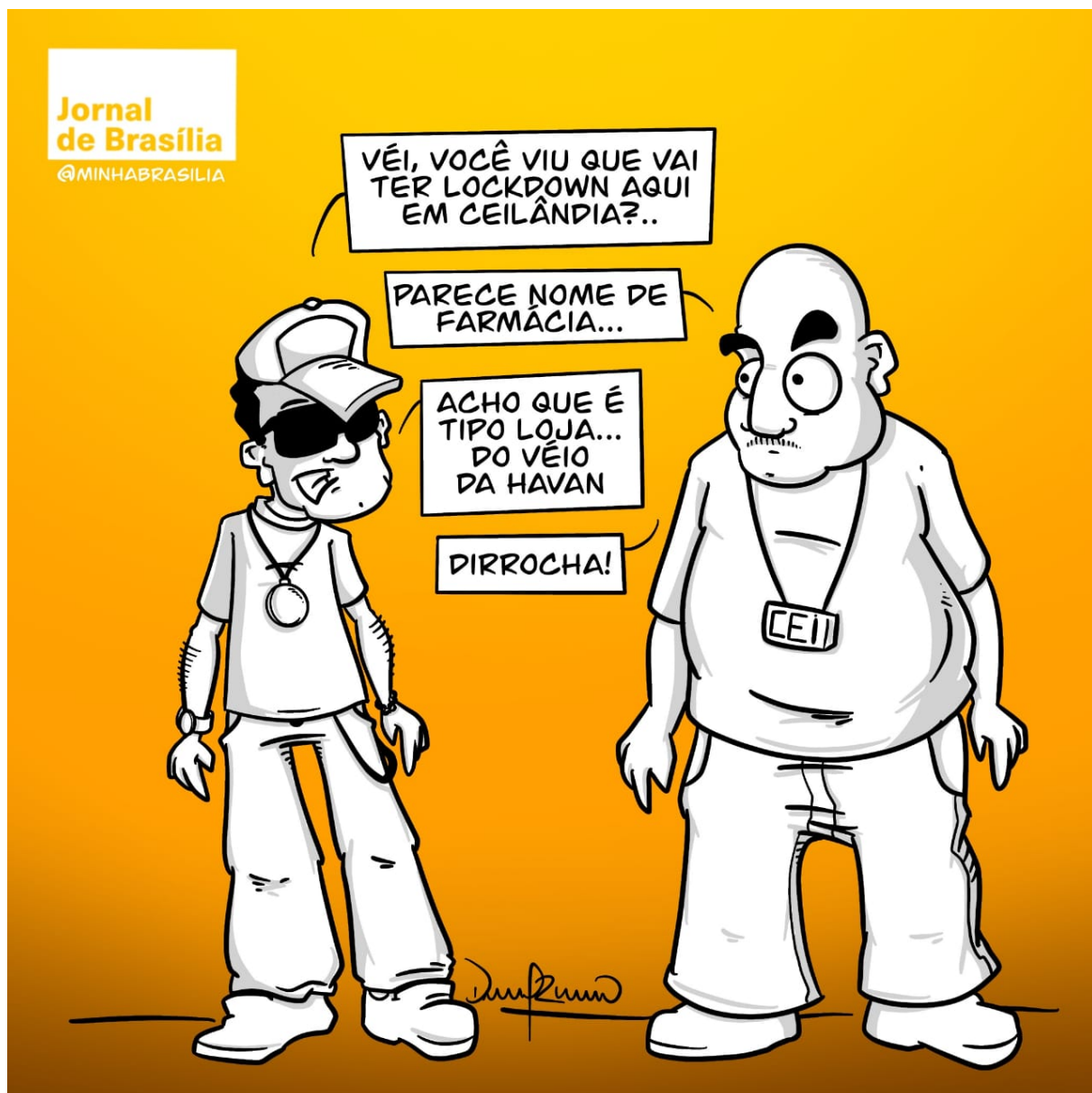
Assim nasceu o “Bonde da Maconha”. Sempre no mesmo horário, um determinado micro-ônibus era usado como local para a venda de maconha. “Tudo ocorria em um grupo de zap zap no qual os valores da droga eram negociados. Os usuários entravam no coletivo no dia e na hora marcados e recebiam a droga”, contou um dos investigadores da 19ª DP.

A polícia começou a monitorar as redes sociais e conseguiu identificar os integrantes do “bonde”. Em telefones celulares apreendidos, conversas entre usuários e traficantes mostram que o grupo já se articulava para vender drogas sintéticas, como o LSD, também chamado de doce (veja fotos). “A nossa preocupação em combater o tráfico de drogas também tem como objetivo reduzir os índices criminais de outros delitos, já que o consumo de drogas acaba provocando uma onda de criminalidade”, analisou o delegado Fernandes.

Boa parte dos crimes ocorre horas, ou até minutos, antes de o fluxo de usuários começar a procurar os pontos de venda de drogas. O resultado são carros arrombados, estabelecimentos comerciais furtados e assaltos a pedestres.

Segundo a comerciante Maria Paula Alves, que trabalha em uma padaria próxima da QNP 5, as lojas passam a fechar mais cedo por conta do tráfico. “Durante o dia, ainda vemos algumas viaturas policiais circularem, mas à noite os usuários duplicam de quantidade e realmente fica perigoso”, conta.

Charge do *Jornal de Brasília* analisado neste trabalho



Charge de autoria de Daniel Zukko, publicada no *Jornal de Brasília* em 4 de junho de 2020.